

LINGUASAGEM

DE SAUSSURE A FOUCAULT: UM CAMINHO POSSÍVEL

Maria Marta MARTINS¹
Kátia Menezes de SOUSA²

O estruturalismo não é um método novo; é a consciência desperta e inquieta do saber moderno. (FOUCAULT, 2000, p. 287)

RESUMO

Pensando na relevância dos estudos de Saussure para as ciências, em geral, e para os estudos linguísticos, em particular, é que nos propusemos a trilhar, no presente artigo, um percurso que pudesse atrelar o surgimento da Linguística, como ciência, aos estudos relacionados ao discurso, que ora desenvolvemos. A principal indagação a que procuramos responder foi: em que os princípios saussurianos contribuíram para que a Análise do Discurso Francesa (AD) pudesse se constituir no bojo dos estudos linguísticos?

Palavras-Chave: Saussure; Foucault; Linguística; Ciência; Discurso.

RESUMÉN

Pensando en la relevancia de los estudios de Saussure para la ciencia, en general, y para los estudios lingüísticos, en particular, es que propusimos, en este artículo, una ruta que pudiera vincular la aparición de la Lingüística como ciencia, a los estudios relacionados al discurso, que ahora desarrollamos. La cuestión principal que buscamos contestar es: ¿en qué los principios saussurianos contribuyeron para que la Análisis del Discurso Francés (AD) pudiera formar parte de los estudios lingüísticos?

Palabras-Chave: Saussure; Foucault; Lingüística; Ciencia; Discurso.

¹ Pós-Graduação/Doutorado/Universidade Federal de Goiás (UFG).

² Pós Graduação/Professora Voluntária/Universidade Federal de Goiás (UFG) e Professora Visitante na Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Saussure cientista

É consenso entre os estudiosos da linguagem que o marco fundador da Linguística foi a publicação do *Curso de Linguística Geral* (CLG) de Ferdinand de Saussure, em 1916. De acordo com François Dosse (1993), a obra de Saussure não partiu de sua própria iniciativa, mas foi uma publicação póstuma, fruto de um minucioso trabalho de coleta, seleção e organização de alguns poucos registros por ele legados, bem como de anotações feitas por seus alunos durante os cursos que ministrou, nas cadeiras de filologia e sânscrito, na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911. Ainda que tenha sido escrito por segundas mãos e seja, portanto, suscetível a interferências da função autor, pelo conteúdo do CLG, podemos identificar que o objetivo de Saussure, em suas aulas, era discutir, seja concordando ou refutando, o trabalho já realizado por estudiosos como Humboldt, Whitney, Schileicher, para citar apenas alguns dos nomes que, como Saussure, se dedicaram ao exame da linguagem.

Mesmo percebendo tais influências, podemos considerar que o pensamento de Saussure representa, se não uma ruptura, pelo menos uma inovação em relação aos seus predecessores. Dizendo de outro modo: se os princípios do que viria a ser o CLG já estavam prontos antes de Saussure, sua contribuição torna-se decisiva na medida em que sistematiza o método por meio do qual as mudanças linguísticas podem ser explicadas, ao passo que aqueles que lhe serviram de fonte se limitaram a situar tais processos em um ponto de vista essencialmente histórico. A novidade introduzida por Saussure no estudo da linguagem, em síntese, “consiste em fundamentar o arbitrário do signo, em mostrar que a língua é um sistema de valores constituídos não por conteúdos ou produtos de uma vivência mas por diferenças puras” (DOSSE, 1993, p.65).

Dadas a importância e a abrangência do corte saussuriano, que tanto contribuiu para o desenvolvimento dos estudos linguísticos, parece-nos adequado discutir, em linhas gerais, os termos em que tal ruptura se delineou.

Do recorte metodológico

Embora considere toda a complexidade e relevância dos fenômenos que envolvem a linguagem como um todo, Saussure propõe um recorte metodológico que cria um ambiente propício para o aparecimento de uma ciência cujo enfoque incide sobre a língua em sua imanência. Mas, se Saussure leva em conta os fenômenos da linguagem como um todo, por que é a língua, e não a linguagem, o objeto da

Linguística? Para ele, a língua constitui uma parte fundamental da linguagem, mas ambas não se confundem. A língua

[...] é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; [...] ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence [...] ao domínio individual e ao domínio social, não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 1972, p. 17).

Isso nos faz pensar em uma das inflexões que, segundo Dosse (1993), marcam a construção do método de Saussure: o fechamento da língua em si mesma. Para ele, o signo linguístico é definido não pela união de um objeto do mundo ao seu nome, mas pela relação arbitrária entre um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante). É assim que, para delimitar a perspectiva do linguista, o referente é colocado à margem do universo de estudo, cujo centro é definido pela relação entre o significante e o significado. A língua é, pois, “de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união de sentido e da imagem acústica” (SAUSSURE, 1972, p. 23).

Ao separar língua e fala – por meio da consideração de que a língua é a linguagem desprovida da fala –, Saussure (1972, p. 28), além de marcar o que considera como “a Linguística³ propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua”, torna-se o primeiro a se preocupar com a definição do seu objeto de estudo, operação sem a qual “uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria” (SAUSSURE, 1972, p. 10). O trabalho intelectual executado por Saussure na elaboração de sua teoria girou, não em torno da língua, mas da própria linguística, isso porque construiu seu método sem chegar a, efetivamente, aplicá-lo. Embora o criador do estruturalismo nunca tenha sido notadamente estruturalista, suas categorias vão servir de “instrumento epistêmico ao estruturalismo generalizado, mesmo que os diversos trabalhos tomem certas liberdades com a letra saussuriana a fim de adaptá-la à especificidade de seus respectivos campos” (DOSSE, 1993, p. 69).

A Linguística apresenta-se dividida em duas partes, cada uma com suas peculiaridades próprias: a linguística evolutiva (diacronia) trabalha com as transformações linguísticas ao longo do tempo, ao passo que a linguística estática (sincronia) tem relação com os fatos linguísticos em sua coexistência, sem ter em conta

³ Optamos por manter a ortografia original nas citações deste artigo.

a intervenção do tempo. Vale observar, todavia, que admitir a oposição entre sincronia e diacronia não é desconsiderar a estreita relação existente entre esses dois eixos de uma mesma ciência que é a Linguística, isso porque ambos são, por natureza, indissociáveis: a diacronia se constitui em uma sucessão de sincronias. O que ocorre é que, por vezes, às ciências que trabalham com valores, como as ciências econômicas, faz-se necessária uma divisão que ofereça ao investigador uma maior precisão metodológica, mas “é ao linguista que tal distinção se impõe mais imperiosamente, pois a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (SAUSSURE, 1972, p. 95).

A noção de valor, que envolve também a de identidade e de realidade, refere-se, *grosso modo*, à ideia que pode exprimir a relação entre significante e significado, bem como às diferenças estabelecidas entre os termos de uma dada língua. De acordo com Saussure (1972), não é possível a descrição da língua como sistema de valor, nem o estabelecimento de normas para seu emprego, sem que ela seja considerada em um estágio determinado, porque, para os falantes, os fatos da língua existem no presente. A sucessão do tempo, nesse particular, lhes é indiferente, portanto.

Contudo, não podemos perder de vista o fato de que a definição do sistema fechado de valores que é a língua é, de acordo com Saussure (1972, p. 132), subjacente ao “fato social que pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja”. Desse modo, a língua, além de ser um sistema de signos, é um fato social e, para manter o rigor científico de seu método, se furtando a qualquer correlação entre os modos sincrônico e diacrônico de ver a língua, é que Saussure limita seu projeto em uma orientação imanentista.

A preponderância da sincronia é que favorecerá, por meio da relação entre unidades distintas, a reconstituição das leis internas que constituem uma língua. O fato de o estudo sincrônico ser o acesso ao sistema representa uma ruptura com a linguística eminentemente histórica praticada, até então, no estudo das línguas. Ao distinguir língua e fala, excluindo com a fala tudo que é individual e considerando a língua lugar único da racionalização científica, Saussure suprime o sujeito falante. A linguística assim

[...] só tem acesso ao estágio de ciência, para Saussure, na condição de delimitar muito bem o seu objeto específico: a língua; e deve, portanto, desembaraçar-se dos resíduos da fala, do sujeito, da psicologia. O indivíduo é expulso da perspectiva científica

saussuriana, vítima de uma redução formalista onde não tem mais seu lugar. Essa negação do homem, já ângulo morto no horizonte saussuriano, também vai passar a ser um elemento essencial do paradigma estruturalista, para além do campo lingüístico (DOSSE, 1993, p. 73).

A propagação das ideias saussurianas foi de tal forma frutífera que somente a descrição de seus diferentes matizes e aplicações demandaria a elaboração de um estudo exclusivo para esse fim. Para o momento, basta registrar que o esboço do que viria a se consolidar como teoria estrutural disseminava-se em pequenos grupos, como os círculos de Moscou, Copenhague, Viena e Praga. De acordo com Dosse (1993), o marco de efetivação do programa estruturalista é a formação do Círculo Linguístico de Praga, fonte, a partir de 1929, dos primeiros trabalhos que instituirão, em definitivo, o projeto estruturalista. Tais produções, que servirão de referência para várias gerações de linguistas, filiavam-se aos princípios saussurianos, sofrendo influências do formalismo russo e mantendo vínculos com o círculo de Viena.

Do estruturalismo nas Ciências Humanas

Entretanto, foi na década 1950 que as perseguições políticas do século XX promoveram “o encontro, no exílio (Estados Unidos) de Roman Jakobson (que participara, nos anos 20, do Círculo de Moscou e depois do de Praga) com Lévi-Strauss e, a partir deles, deu-se a chegada das ideias estruturalistas na França” (GREGOLIN, 2006, p. 21). Será, pois, Lévi-Strauss, ao deslocar as categorias da linguística para a antropologia, quem contribuirá para que os princípios produzidos no interior da Linguística se tornem referência para outros ramos das ciências humanas.

Dentre a infinidade de nomes de pesquisadores que fizeram uso dos fundamentos estruturalistas, com maior ou menor fidelidade aos princípios saussurianos, destacamos, não por acaso, a presença de Louis Althusser, cuja vinculação ao estruturalismo refere-se ao pensamento marxista, constituído como uma totalidade estruturada: “Althusser reconhece uma eficácia própria da superestrutura, a qual pode encontrar-se, em certos casos, em posição de dominância, e em todos os casos, figurar numa relação de autonomia em relação à infra-estrutura” (DOSSE, 1993, p. 339). Essa totalidade estruturada constitui-se por uma hierarquização muito complexa que se forma de diferentes modos, de acordo com o lugar que certas instâncias ocupam no modo de produção, em determinados momentos da história e, levando em conta, em última análise, a preponderância do econômico. As relações inerentes a esse sistema fecham-

se, portanto, em uma estrutura em que tudo e todos se movem em torno do capital e das relações entre opressor e oprimido. Convém registrar que, em consonância com Saussure,

[...] a totalidade estruturada em Althusser é desistoricizada e descontextualizada, visto que se deve desligá-la do ideológico para que tenha acesso à ciência. O conhecimento [...] só é possibilitado pela mediação de um corpo de conceitos [...] que trabalha em cima de matéria-prima empírica [...]. Tal abordagem assimila o objeto de análise do marxismo aos objetos das ciências físicas e químicas, o que implica uma total descentração do sujeito [...] (DOSSE, 1993, p. 340).

A Escola Normal Superior (ENS), nos anos de 1960, não era apenas uma escola de prestígio, mas “um lugar de ardor teórico em que o pensamento busca um novo fôlego nos encontros interdisciplinares inéditos” (MALDIDIER, 2003, p. 17). Como professor dessa instituição, Althusser com suas convicções político-filosóficas arrebanha um vasto número de discípulos que, sob sua influência, proliferam a teoria estruturalista em esferas, de certa maneira, particulares do saber como na antropologia por Lévi-Strauss, na psicanálise por Lacan, na linguística por Greimas e Michel Pêcheux.

No que se refere a Pêcheux, destacamos que se inseriu na política e no terreno epistemológico a partir do contato com Althusser e, também, com Canguilhem. Além de ser uma referência a vários estudiosos, oferecendo-lhes a oportunidade de pensar de forma mais abrangente o marxismo, “Althusser é, para Michel Pêcheux, aquele que faz brotar a fagulha teórica, o que faz nascer os projetos de longo curso” (MALDIDIER, 2003, p. 18). No entanto, segundo Dosse (1993), Pêcheux, mesmo sendo um discípulo muito próximo a Althusser, destoava, em certa medida, dos seus demais alunos da ENS, isso porque considerava que o âmbito das ciências sociais era promissor para fazer filosofia nos anos 60.

Seguindo tal convicção, é encaminhado para o laboratório de psicologia social da Sorbonne e, em 1966, mantém contato com dois pesquisadores, Michel Plon e Paul Henry, de outro laboratório de ciências sociais. Com a tarefa de “elaborar uma crítica do interior das formas clássicas das ciências humanas” (DOSSE, 1993, p. 346), os três teóricos acabam compondo um grupo informal de estudo que, “coordenado por Pêcheux, vai tentar a aplicação das teses althusserianas à linguística” (DOSSE, 1993, p.347).

Análise do Discurso: dos rudimentos

Graças aos prolongamentos dessa tendência, e à adesão de inúmeros intelectuais, esse estudo se tornará fecundo a ponto de sua elaboração teórica ser o fundamento para a publicação, por Pêcheux, em 1969, da *Análise Automática do Discurso* (AAD), trabalho que “servirá de via de acesso do althusserianismo ao campo das pesquisas linguísticas” (DOSSE, 1993, p. 347). A importância dessa obra de Pêcheux reside não propriamente no seu rigor científico e/ou funcionalidade prática, até porque deixa algumas lacunas abertas: poderíamos dizer que se trata do esboço do que viria a se tornar a teoria do discurso. Certas ingenuidades e ambiguidades percebidas não diminuem em nada a relevância dessa obra para os estudos linguísticos, visto que, nela, estão postas questões fundamentais sobre o texto, a leitura e o sentido. Em AAD,

[...] se ligam – pela primeira vez – todos os fios constitutivos de um objeto radicalmente novo: *o discurso*. Esta “primeira máquina” discursiva, como dirá Michel Pêcheux bem mais tarde, desempenhará ao mesmo tempo para ele o papel do momento quase mítico da fundação e do protótipo remodelado sem cessar, criticado, corrigido, finalmente abandonado, mas sempre presente (MAUDIDIER, 2003, p. 19; grifos da autora).

A AAD trazia em seu conteúdo um ousado projeto que tinha o objetivo de preencher, por meio de um moderno programa de computador – a informática era a grande novidade na efervescência do final dos anos 60 –, os vácuos deixados pelo recorte saussuriano. Fascinado pelas máquinas, Pêcheux idealizou “a elaboração de uma análise automática, isto é, de um dispositivo técnico complexo, informatizado [que] se inscreve em sua reflexão de então sobre as práticas e os instrumentos científicos” (MAUDIDIER, 2003, p.20), *grosso modo*, um dispositivo de análise que seria capaz de prever, para então analisar, todos os discursos possíveis de acordo com suas condições de emergência.

Para desenvolver seu método Saussure teria deixado de focalizar questões que, mesmo sendo fundamentais para o desenvolvimento das pesquisas em linguagem, não puderam ser tratadas sob pena de comprometer o rigor exigido para que uma disciplina se elevasse ao patamar de ciência. Ao proceder ao recorte metodológico foram necessárias algumas escolhas: a língua em detrimento da fala; a sincronia em detrimento da diacronia, o social em detrimento do individual. Assim, “a inclinação pela qual a linguística constituiu sua cientificidade, deixou a descoberto o terreno que ela estava

abandonando, e a questão que a lingüística teve que deixar de responder continu[ou] a se colocar” (PÊCHEUX, 1997, p. 62).

Longe de pretender refutar a tese saussuriana, Pêcheux (1997) não quis superar a dicotomia entre língua e fala, posto que, para ele, Saussure continua sendo inegavelmente o fundador da ciência linguística, pois, ao deslocar a análise da língua da função para o funcionamento, deixa um legado científico irrefutável e irreversível. Esse deslocamento operado por Saussure tem como consequência a impossibilidade de ser o texto objeto pertinente para a ciência linguística, posto que o texto “não funciona: o que funciona é a *língua*, isto é, um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições reguladas por elementos definidos” (PÊCHEUX, 1969, p. 62; grifo do autor).

É, pois, considerando haver uma semelhança com a língua, no que diz respeito ao seu funcionamento, que Pêcheux concebe o discurso como uma reformulação dos princípios saussurianos, livre de restrições ligadas ao indivíduo. Dessa maneira,

[...] os fenômenos lingüísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento mas com a condição de acrescentar imediatamente que este funcionamento não é integralmente lingüístico, no sentido atual desse termo e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos “condições de produção” do discurso. Faremos a hipótese de que, a um estado dado das condições de produção corresponde uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua, o que significa que, se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos suscetíveis de serem engendrados nessas condições manifesta invariantes semântico-retóricas estáveis no conjunto considerado e que são características do processo de produção colocado em jogo (PÊCHEUX, 1997, p. 78; grifos do autor).

As condições de produção, essenciais para fazer com que os discursos funcionem nos moldes propostos pela AAD, constituirão um dos pressupostos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, uma nova disciplina cuja fundação tem em Pêcheux um importante colaborador. A exemplo das condições de produção, as noções de interdiscurso e de formações imaginárias, também pressupostos da AD, já aparecem formulados na AAD.

Análise do Discurso: da disciplina

De acordo com Malidier (1997), a AD surge como disciplina autônoma compondo, no final da década de 60 e início da de 70, um quadro de intensas atividades em torno da Linguística, uma ordenação que foi fruto do estruturalismo

[...] que marcou o fim da hegemonia filosófica da fenomenologia e do existencialismo, possibilitando o aparecimento da antropologia estrutural, a renovação da epistemologia e da história das ciências, a psicanálise anti-psicologista, novas formas de experimentação na escrita literária, a retomada da teoria marxista. Quando as três teorias se encontraram (psicanalítica, marxista, lingüística/antropológica) criou-se um efeito subversivo, que trazia a promessa de uma revolução cultural. No contexto político dos anos 60, o efeito subversivo estruturalista ultrapassou o quadro universitário e a teoria e a literatura tornaram-se lugares de intervenção ideológica, afetando o conjunto do campo sócio-político. [...] O final dos anos 60 é, portanto, uma época de **releituras** de Saussure, Freud e Marx. Pêcheux refere-se a eles a “Tríplice Aliança” que estará na base do desenvolvimento da análise do discurso (GREGOLIN, 2006, p. 32-33; grifos da autora).

Todavia, se quisermos ser mais pontuais no que concerne ao surgimento da AD, podemos dizer, à maneira de Malidier (1997), que se trata de um objeto de dupla fundação: nasce do encontro de duas trajetórias convergentes, a do linguista Jean Dubois com a do filósofo Michel Pêcheux. Dois pensadores, dois projetos. Dubois, de um lado, pretendia relacionar a linguística a um estudo de cunho sociológico para tratar das variantes e variáveis; de outro, Pêcheux se vinculava aos debates teóricos centrados no marxismo, na psicanálise e na epistemologia, relacionando o discurso com o sujeito e a ideologia. “Quer fosse inspirada por Jean Dubois ou por Michel Pêcheux, esta prática disciplinar comportava a aplicação a um corpus discursivo de métodos de análise lingüística” (MALDIDIER, 2003, p. 36).

Remontando às aulas na ENS nos anos 60, destacamos a presença de Michel Foucault, um, entre os muitos discípulos ilustres que, da mesma maneira que Pêcheux, teve parte de sua formação atribuída a Althusser. Também como Pêcheux, Foucault cultivou com seu mestre uma relação de amizade e fidelidade incondicional que ultrapassou os limites da academia. Ocorre que Foucault, mesmo apresentando em textos de sua fase genealógica, matizes marxistas, nunca esteve de acordo com os althusserianos no que se refere ao “culto personalista a Marx”⁴ (GREGOLIN, 2006, p.114; grifo da autora), nem com a relação de sua obra com a ciência. No entanto, a

⁴ “Para Foucault, a obra de Marx é um instrumento entre outros, que ele faz funcionar em seu trabalho, como uma caixa de ferramentas. Assim, ele não se preocupa em marcar posição como ‘marxista’, conforme se pode verificar por suas posições em várias entrevistas” (GREGOLIN, 2006, p. 114; grifo da autora).

divergência entre os dois ocorre, de fato, a partir da publicação de *As Palavras e as coisas*, em 1966.

Segundo Gregolin (2006, p.115), tal desacordo refere-se a Marx e Lévi-Strauss “e aos lugares que Foucault lhes atribui na história do saber ocidental [...]. Trata-se, portanto, de uma não concordância que envolve o marxismo e o estruturalismo”. Tal divergência, além de produzir calorosos embates teóricos, acabou levando Foucault a reconsiderar algumas de suas colocações, sobretudo amenizando as ferrenhas críticas que teria feito em relação a Marx e ao marxismo. Entretanto, sua grande mudança reside “na substituição do conceito de *episteme* (muito ligado ao estruturalismo) pela idéia de ‘prática discursiva’ (mais próxima da idéia marxista de *práxis*)” (GREGOLIN, 2006, p.117; grifos da autora).

As reformulações em relação a Marx, porém, não significam o fim das diferenças, pois a maior cisão ainda estaria por vir e ocorreu após 1976, “com os textos da sua ‘analítica do poder’”, já que “eles se dirigem contra a teoria althusseriana dos *aparelhos ideológicos de Estado*, ao criticar e dissolver a idéia de centralidade do Poder do Estado” (GREGOLIN, 2006, p.117; grifos da autora).

Pêcheux, de outra sorte, manteve uma maior fidelidade a Althusser e à causa marxista. Seus textos, dessa mesma época, aparecem “atravessados pela paixão dos debates entre marxistas sobre as questões da linguagem e da política” (GREGOLIN, 2006, p.118), haja vista a complexidade do quadro teórico político que, então, se configurava por meio de rupturas e contrastes, inclusive no interior da própria análise do discurso de linha francesa. A descrição dessa crise, com suas causas e implicações, demandaria uma extensa análise que foge dos objetivos aqui propostos. Nesse momento, importa-nos o fato de que Foucault e Pêcheux não são propriamente adversários em relação à teoria do discurso; entre a visão de ambos existem diferenças que não se opõem, mas que se complementam. De acordo com Gregolin (2006), o que os difere essencialmente é a maneira com que cada um se coloca em relação à proposta de Althusser. Mesmo tendo suas restrições teóricas em relação a Foucault, Pêcheux é levado, pela crise que se estabeleceu na teoria marxista, a defender o ideal marxista e, ao mesmo tempo rever certos conceitos em resposta às críticas advindas do interior do próprio marxismo. Assim se faz necessário, por parte de Pêcheux, um confronto com certos pontos da teoria althusseriana, ocasionando uma revisão de alguns deles.

Segundo Gregolin (2006), a partir dos anos de 1980, devido ao estabelecimento de vínculos com historiadores, Pêcheux indica que seu posicionamento teórico ganhará

novo curso. Dentro da realidade epistemológica desse período, ele destaca Foucault, com sua Arqueologia, bem como a Nova História, como colaboradores para o desenvolvimento dos estudos acerca do discurso. É visível o deslocamento dos princípios althusserianos rumo à visão foucaultiana e isso é, para Pêcheux, um processo de intensa autocrítica. Deixava transparecer em seus textos a desilusão com a política e com o modo de fazer análise do discurso até o fim dos anos 70, considerando um equívoco o fato de a AD ter sido fundada para servir de instrumento tanto para a ciência quanto para a linguística. A AD “teve em sua base uma forma máxima de tensão entre objetivos que a dividiam, isto é, quis realizar, ao mesmo tempo, uma função política e crítica e uma função científica e positiva. Ela tentou, portanto, conciliar o inconciliável” (GREGOLIN, 2006, p. 173-174). Foi, então, a partir dessas reflexões de Pêcheux, que as ideias de Foucault, sobretudo seu conceito de formação discursiva⁵, foram incorporadas ao estudo do interdiscurso e da heterogeneidade, ao estudo do discurso, enfim.

Dessa maneira, A AD se constitui em um campo do saber que considera não só a materialidade linguística, mas também os fatores sócio-históricos que entram em sua constituição. Isso porque seu aparecimento ocorreu em um universo fortemente marcado por debates epistemológicos que envolviam não só a Linguística – cujos princípios essenciais foram herdados de Saussure e reformulados por outros pensadores –, mas também outros ramos das ciências humanas, como a Antropologia, a Filosofia, a Psicanálise. Trata-se, portanto, de uma disciplina que se propõe a analisar o discurso como conjunto de enunciados, cuja materialidade emerge de uma complexa rede de relações que abrange o discursivo e o não discursivo.

Unindo as pontas

Ainda que para Foucault (2007, p. 98) o enunciado seja “uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos”, ele só se constituirá em fragmento de discurso se ultrapassar os limites do linguístico que lhe é constitutivo, ou seja, são necessárias outras propriedades propriamente discursivas que não se situam no âmbito da língua, mas no âmbito da história. Assim, nos moldes de Foucault, uma sequência

⁵ De acordo com Foucault (2009, p. 43), “no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção que se trata de uma *formação discursiva*” (grifo do autor).

linguística só ganha *status* de enunciado se sua irrupção ocorre no ineditismo do acontecimento, o que torna sua formulação absolutamente imprevisível e dependente das relações estabelecidas com outros enunciados.

Assim, pensando na relevância de Saussure para a história das ciências em geral, e para a história dos estudos linguísticos, em particular, é que nos propusemos a trilhar um percurso que pudesse atrelar o surgimento da Linguística, como ciência, aos estudos relacionados ao discurso, que ora desenvolvemos. Em poucas palavras: em que os princípios saussurianos contribuíram para que a AD francesa pudesse se constituir no bojo dos estudos linguísticos? Foi essa a indagação a que tentamos responder nessas breves linhas.

REFERÊNCIAS

DOSSE, François. **História do estruturalismo**. v. 1: o campo do signo, 1945-1966. Tradução Álvaro Cabral. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos**. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da análise de discurso na França. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Gestos de leitura: Da História no Discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, François ; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Tradução Bethania S. Mariani et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61- 105.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 4. ed. Tradução Antonio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1972.

Como referenciar este artigo

MARTINS, Maria Marta; SOUSA, Kátia Menezes de. De Saussure a Foucault: um caminho possível. **revista Linguagem**, São Carlos, v.29, n.1, p. 120-132, jul./dez. 2018. ISSN: 1983-6988.

Submetido em: 05/08/2018.

Aprovado em: 10/10/2018.